

EVOLUÇÃO NA CONTINUIDADE?

Rui Zink

Assim se lê

Era bom que trocássemos algumas ideias sobre o assunto, de Mário de Carvalho (Caminho, 1995)

- «– Quero entrar para o PCP! (decisão)
- «– Tu? (espanto)
- «– Eu, sim. (determinação)
- «– Agora? (incompreensão)
- «– Agora, sim! (firmeza)
- «– Mas isto está... (inquietação)
- «– Pois! (heroicidade)» (p.78)

*

Ainda digerindo o sucesso do seu romance «histórico» *Um deus passeando pela brisa da tarde*, Mário de Carvalho publica um «divertimento» de uma actualidade que se quer total em torno de um protagonista que, vencido da vida, termina alistando-se no PCP como modo de se reencontrar consigo próprio e, talvez, com os outros. A questão a colocar é a seguinte: que mundo é este em que obter o cartão de militante do Partido Comunista é o bálsamo possível para as dores e frustrações de um português de meia-idade? Não é contudo a essa que nos propomos responder, antes a uma mais modesta mas mais ao alcance das nossas virtudes: quais as motivações do protagonista?

1. A emergência do discurso na actualidade.

Mário de Carvalho simula uma adesão urgente à contemporaneidade. Não é um procedimento muito comum na literatura portuguesa. Ele recorre a termos que têm sido nos últimos anos banalizados na chamada Comunicação Social, mas que ainda são quase inéditos na ‘comunicação estética’ que é o texto literário. Não se trata unicamente de tropos de linguagem, como ‘zapar’ ou (...), mas de lugares sociais: o assaltante com seringa, o filho traficante de droga (sem que isso constitua surpresa de maior para o leitor), os programas aberrantes na televisão. Recorde-se que a introdução em Portugal do conceito de ‘zapping’ tem três anos, tantos quantos os da introdução de televisões privadas – i.e., de canais alternativos – no país.

Não me surpreenderia mesmo ver uma referência à ‘música pimba’, extensão com funções adjectivas de uma onomatopeia que circula na Comunicação Social apenas nos últimos dois meses. A relação de confiança entre Mário de Carvalho e o seu Editor permitiu aquilo que foi uma tão rápida publicação. Entregue o manuscrito em Julho, o livro foi colocado no mercado em 12 de Outubro.

Terça-feira 17, Teresa Coelho no jornal *Público* concedeu excepcionalmente duas páginas para uma entrevista com Mário de Carvalho, fora do *guetto* do suplemento «Cultura» e, em nota de introdução, considerou o livro como «*implacavelmente divertido, é o melhor dos retratos das transformações da vida portuguesa nos últimos anos*». A Editorial Caminho já tem texto para colocar na contracapa, se houver 2ª edição. E eu decidi entrar no jogo. Mudei completamente o rumo ao meu trabalho e, tendo comprado o livro faz cinco dias, aqui me proponho inscrever uma comunicação académica neste rodopio cúmplice de contemporaneidade. É uma noção algo digestiva da literatura: vamos falar do livro enquanto ele está quentinho.

2. A nova minoria é difícil mas é nossa

Quando Anthony Burgess publicou o seu romance *Hearthly powers*, a biografia ficcional de um escritor homossexual convenientemente chamado Tomee – Paramim – e que chegou a Portugal numa notícia do Jornal de Letras Artes e Ideias onde era noticiada, com cinco anos de atraso, a edição francesa, muitos críticos perguntaram-se onde teria Burgess, conhecido heterossexual, ido buscar a experiência necessária para a construção daquela personagem.

Evolução na Continuidade?

Com Mário de Carvalho, neste seu livro sobre um homem que quer entrar para o PCP, não é preciso puxarmos pela imaginação e acreditar nessa coisa tão fluída e que tem as costas largas a que se chama habitualmente a «imaginação criadora» do autor. Mário de Carvalho é, ele próprio o confessa em entrevista recente, militante do Partido Comunista Português. Esta informação biográfica é importante, e a analogia com o romance pseudo-autobiográfico de Burgess não é impertinente: afinal, ser comunista hoje é ser diferente e pertencer a uma minoria não raro menosprezada e olhada ora com paternal superioridade, ora com eventualmente justificada desconfiança. Um pormenor: Mário de Carvalho não é, não se considera, um escritor-comunista. Duvido mesmo, pela leitura do seu último romance ou pelo meu parco conhecimento das suas intervenções públicas, que se considere comunista. O que ele é, e tento dizê-lo com a maior precisão e respeito possíveis, é um escritor (um excelente escritor) que é também, por motivos que entendo mais afectivos do que ideológicos, militante do Partido Comunista Português.

(Por motivos mais afectivos que ideológicos, disse. Talvez fosse melhor, como Sedas Nunes não sugeriu mas eu lhe li nas entrelinhas, dizer que «mais por motivos ideológicos internos» do que «externos». Não é concebível, hoje, no seio das Ciências Humanas, tal coisa como uma «afectividade pura».)

3. Quando fôr crescido quero ser do PC

O cerne de *Era bom que trocássemos umas ideias sobre o assunto* é a tentativa, que se revela frustrada, de Joel Strosse Neves entrar, na crise da andropausa, para o PCP. Além de Joel, há mais duas personagens que se podem considerar principais: Eduarda Galvão, uma jornalista cuja ascensão de sucesso faz contraponto com a queda, melhor, a deriva de Joel. E Jorge Matos, um militante verdadeiro do Partido Comunista, embora não muito praticante. A galeria de secundários divide-se em militantes ou simpatizantes do PC, gente frágil mas humana, com memória, e uns filhos do presente pós-moderno, desligados de tudo, arrivistas fúteis e superficiais. Se os primeiros estão presos ao passado, até pela idade – todos os comunistas têm neste livro mais de 50 anos –, os segundos, na casa dos 20 e tal anos (mesmo o superior de Joel) não estão menos presos – à sua ignorância e ao presente imediato em que vivem. Nas fundações, na comunicação social, espaços de poder, o autor coloca indivíduos despidos de escrúpulos e arrogante-

mente ignorantes, como Bernardo Veloso, «*que tinha lido três livros na vida, o que, considerando a média de leituras de alguns seus iguais, deve ser considerado uma vantagem comparativa invejável*» (p.83). Ou Eduarda Galvão, que coloca o seu antigo professor de Francês do liceu a inventar-lhe uma entrevista a Agustina Bessa Luís e que confunde o adjectivo «hediondo» com um elogio erótico.

Um dos ex-namorados de Eduarda é o filho de Joel, que se encontra preso em Pinheiro da Cruz. Não por motivos políticos – quase podemos imaginar o alívio que Joel sentiria se ao menos o moço tivesse pertencido às FP-25 – mas por tráfico de droga, resultado de uma apetência por sucesso imediato que parece ser apanágio deste tempo contemporâneo.

Estamos longe do cândido ciúme de Vitorino Nunes, camarada controlador de uma célula intelectual do PCP, solteirão engordado que vive com uma tia rica e «progressista» que, suspeita-se, nos bons tempos da ditadura terá dormido com tudo quanto era camarada ou operário na clandestinidade necessitado de um refúgio temporário:

«Vitorino crescera, conspirara, sofrera, resistira. levou uma vergastada numa manifestação, mas nunca foi preso. E isso também não perdeu à ditadura. Logo após o 25 de Abril compungia-se, inferiorizado, quando encontrava os que tinham estado presos por dez, vinte anos invejáveis e quase se sentia culpado de a polícia política lhe não ter dado a importância que merecia, ao menos por pergaminhos familiares.» (p.97)

4. A palavra a quem a trabalha

Mário de Carvalho é autor-narrador, como Almeida Garrett, nas suas *Viagens na minha terra*. Estas mais propriamente se chamariam ‘viagens no meu tempo’, e são menos autocomplacentes que a obra de Garrett. Quanto mais não fosse por o protagonista estar mais próximo dos mortais, i.e., dos leitores, que o narrador/autor das *Viagens*. O narrador permite-se interferir sem pudor na narração – isto é uma contradição em termos, não liguem – e queixar-se mesmo das dificuldades de utilizar imagens e figuras originais:

«Houve um silêncio comprido que eu não sei como qualificar. Talvez, em explicando como as personagens se encontravam e o que faziam, possa alguém, mais hábil que eu, encontrar a qualificação para o silêncio que é, da Língua Portuguesa, a palavra mais difícil de adjectivar novamente» (p.77).

5. O PC Coito

Não estamos no entanto aqui para discutir os expedientes metaliterários de Mário de Carvalho, antes para saber por que motivo Joel Strosse Neves, que até chegou a votar PSD (p.33), deseja tanto entrar para o PCP. E porque não o PS, como sensatamente lhe sugere Jorge Matos, militante distraído há mais anos do que se recorda: «- *Joel, meu caro, estive a pensar... por que não te inscreves tu no Partido Socialista? Eles são muito aceitadores. E, vendo bem, está lá praticamente a malta toda...*» (p.205)

Note-se que em parte nenhuma do livro é sugerido que seja muito difícil entrar para o Partido. O problema de Joel é mais o de, digamos, uma impotência provocada pelo excesso de ansiedade. E para todos os camaradas é estranho, no mínimo estranho, que alguém com a idade dele queira entrar para o Partido, agora, passados tantos anos até já sobre o próprio 25 de Abril.

«- *Mas, Joel, não estarás tu com ilusões? Afinal, que esperavas tu encontrar no Partido?*» (p.208)

A resposta é tão cândida quão comovente:

«- *As pessoas lá não são maltratadas, pois não?*»

Não ser maltratado? Será isto o que faz Joel Strosse Neves decidir aos 50 anos obstinar-se em entrar para o Partido? «Quero entrar para o Partido!» – vai ele repetindo, ora determinada ora queixosamente. E isso ao ponto de merecer que a esse capricho um escritor como Mário de Carvalho dedique um livro de 200 páginas? E qual foi a gota de água? O facto de ter sido despromovido a bibliotecário na Fundação por parte de um jovem superior iletrado e arrogante? O seu falhanço como pai de um rapaz impaciente e arrogante? O assalto de que foi vítima por parte de um jovem toxicodependente e, já agora, também arrogante?

O Partido Comunista é, para Joel um lugar de repouso, equivalente ao ‘coito’ dos jogos de infância, onde nenhum perseguidor nos pode apanhar ou fazer mal e onde ele será reinvestido de sentido. Para ele, o PCP é a imagem mesma da cultura, de um espaço mágico que devolve e reinventa o seu devido valor às pessoas e às coisas. Não resisto a uma citação algo longa:

Identidade, Tradição e Memória

«Deixava que a imaginação lhe divagasse sobre o Partido, a palavra “camarada” tomava cada vez mais para ele uma conotação ao mesmo tempo heróica e ternurenta. Ao passar em frente do Hotel Vitória imaginava o movimento lá dentro, tenso, transpirado, com reuniões, conversas políticas, leituras comentadas de Lenine, preparação de movimentos sociais, invenção meticulosa e científica de palavras de ordem... (...) E via-se numa daquelas reuniões, com o tecto abaixado pelo acúmulo algodoado dos fumos de cigarro, debruçado sobre um mapa de Lisboa, a conspirar. Falaria pouco, seria discreto e humilde, emitiria apenas opiniões graves quando lhe dessem a palavra. Procuraria sempre, cientificamente, abonar-se com uma citação dos clássicos. o camarada do lado, com um boné na cabeça, tocar-lhe-ia, fraterno e confiante, com o punho cerrado no braço. (...) E, se fosse capturado, resistiria heroicamente. Não falo!» (pp.139-140)

O drama de Joel é o de muitos que, tendo ou não lutado contra o ‘fascismo’ (espero não ofender ninguém ao usar este termo), ficaram de fora quando da diluição da revolução de Abril. De fora, por dois motivos essenciais: porque 1) perderam o ponto de referência, e 2) o norte que o veio substituir, como todas as quimeras, não se revelou à altura nem do dragão nem do sonho. Por fora, também, convenhamos, por uma questão de idade. O tempo corre contra eles. Não admira que os comunistas de *Era bom que trocássemos umas ideias sobre o assunto* tenham praticamente todos mais de 50 anos (cf. p.94), por sinal também a idade do autor-ele-mesmo.

Recordo a frase de Campos/Pessoa: «*Pertenço àquela raça de portugueses que ficaram desempregados depois da descoberta da Índia*». Talvez não tanto Joel, mas o seu amigo Jorge Matos poderia dizer o mesmo, substituindo ‘Índia’ por ‘Abril’.

Mário de Carvalho faz uma sátira da Comunicação Social contemporânea e humaniza um Partido que, embora não seja o clube de reformados que uma leitura enviezada do livro pode sugerir, está longe do retrato mítico, preso no tempo, que Joel dele faz, saudoso que está da sua juventude e desesperado (que também está) por participar, por ser alguém. É isso, de resto que o Partido Comunista Português parece permitir a Joel: «ser alguém». Não no sentido de «subir na vida» ou de ver a existência própria sancionada por uma aparição no pequeno ecrã colorido; apenas no de encontrar interlocutor que nos reconheça e conforte algum valor na nossa pessoa.

E Mário de Carvalho, tenho a certeza que não é com intenção, mas quase nos convence a aderir à ternura de um Partido que, pela boca de

Evolução na Continuidade?

uma Vera Quitério, nos diz: «Somos camaradas, estou a ouvir-te, não há problema, estás acolhido, estás absolvido, era bom que trocássemos umas ideias sobre o assunto...» (p.163)

*

«– E... o Partido? (pezinhos de lã)

«– O Partido, quê? (desconfiança)

«– Ainda estás no... (gesto)

«– Sim, estou (desprendimento)

«– Ah... (aprovação reconfortada)

«– Eu cá, bem vês... (generosidade)

«Pois... Claro. (Solidariedade)» (p.69)

P.S. Sobre a mesa estão boletins de inscrição. Sirvam-se à vontade.